



04-02-2011 | Tabu

Tiragem: 61234

País: Portugal

Period.: Semanal

Âmbito: Informação Geral

Pág: 50

Cores: Cor

Área: 22,64 x 28,45 cm<sup>2</sup>

Corte:



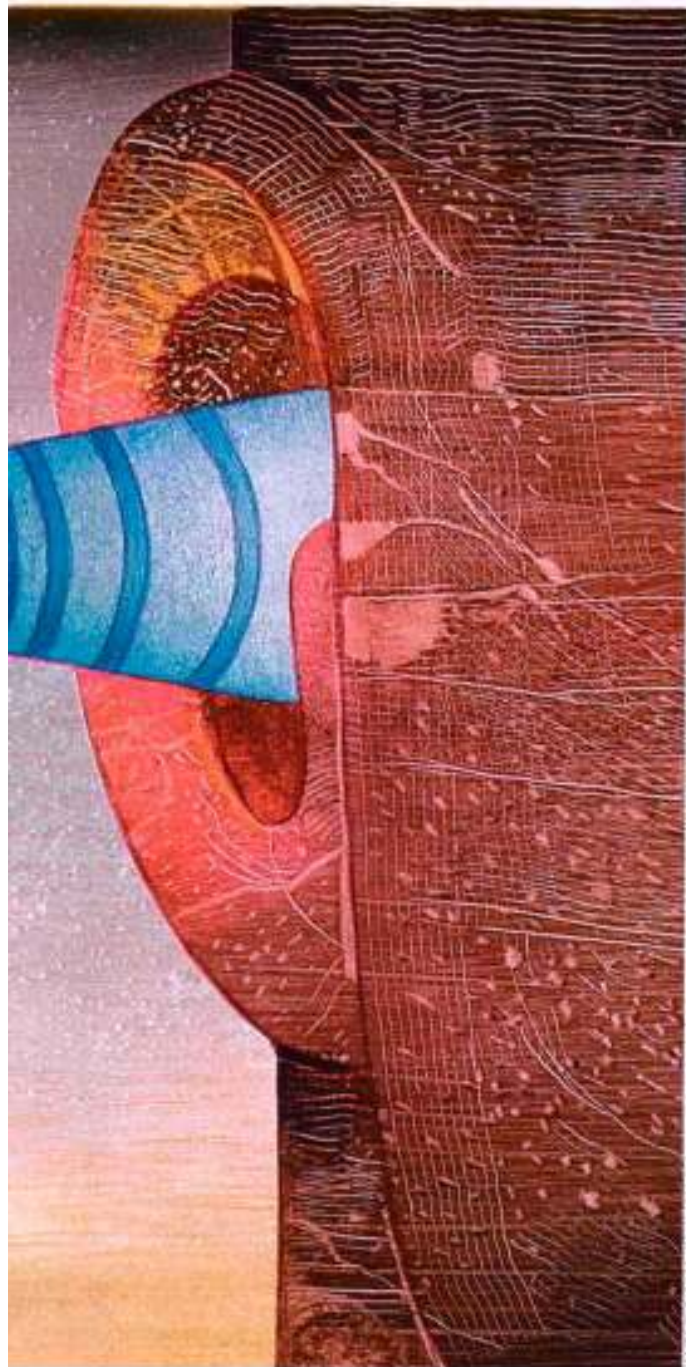
**t** / reportagem



# UMA BABEL EM LISBOA

*Não há dúvidas de que o chinês, o russo ou o polaco podem abrir portas profissionais. Mas o que leva alguém a querer aprender húngaro ou romeno? Em Portugal, há institutos universitários especializados em línguas 'exóticas'*

Textos de RICARDO NABAIS



JAMES ENDICOTT / GETTY IMAGES

Mas existe algo mais, um móbil tão antigo quanto a humanidade: «**Existe uma pessoa muito importante para mim lá**», confessa, apresentando-a como a «**segunda razão**» de se ter inscrito nas aulas de Húngaro no Instituto de Línguas da Universidade Nova de Lisboa, o ILNOVA. A primeira – garante que a ordem das prioridades afectivas é mesmo esta – é uma irresistível curiosidade por línguas que o fez passar por falares de latitudes tão distantes quanto o Japonês ou o Catalão. E, com a segurança de quem sabe, diz que o húngaro «**é mais difícil do que o japonês falado**», pois está cheio de «**excepções e excepções às excepções**».

E lá prossegue a aula, que frequenta sozinho neste dia, pois o único colega de turma faltou. A professora, Pirooska Felkai, está de acordo

quanto às complexidades da sua língua natal: «**Tem uma composição completamente rara**», diferente de todas as outras línguas do velho Continente de matriz indo-europeia (as latinas, as germánicas, as eslavas, ou seja, a maior parte). Em Portugal há vários anos, dá aulas de Húngaro há oito. Começou no ISCTE, também em Lisboa, para onde veio depois de conhecer o marido, um português. Mas a língua não era totalmente desconhecida: «**Dava aulas de Português em Budapeste, onde existe um centro de línguas latinas na universidade**». E a procura pela língua de Camões era surpreendentemente grande – em média, 100 candidatos para 20 vagas, com a variante brasileira a liderar as preferências, «**a pensar em oportunidades de trabalho no Brasil**».

Mas o que leva as pessoas a aprenderem línguas como o húngaro? A

curiosidade de Tito é uma das regras. A outra, a maioritária, é a situação dos afectos. Muitos namoram com naturais dos países cujas línguas querem aprender. E no caso de países emergentes, há ofertas de trabalho a acenar tentadoramente todos os anos. O ILNOVA é um dos centros portugueses que satisfazem este desejo de mergulhar na Babel: por lá se ensina Inglês, Espanhol, Francês, Alemão, Italiano, Mandarim, Árabe, Hindi, Japonês, Russo, Romeno, Polaco, Neerlandês, Finlandês, Turco e Grego moderno. A curiosidade pode

ser saciada noutras universidades e em mais cidades do país (ver caixa na pág. 52).

O argumento conjugal é quase 100% infalível na turma de Polaco. Mais frequentada – afinal, há interesses do sector retalista português há

muito instalados naquelas paragens – e cosmopolita, não é por isso menos complicada de aprender. O matemático alemão Sascha está em Lisboa há três anos e é, como quase todos os colegas de turma, casado com uma polaca. Já com um ano de curso, diz que se sentiu chocado por saber que a fluência nesta língua se consegue apenas ao fim de seis anos. «**Mas o maior choque foi saber que são necessários dois anos para aprender um nível básico**». O mesmo tempo, afinal, que demorou para ser fluente no castelhano que intercala com o português.

A professora, Iwona Sadlowska, veio para Lisboa com o marido, seu compatriota e violinista no São Carlos, há 16 anos e está cá, sem intervalos, há nove. A dificuldade linguística para os estudantes nacionais é evidente: «**É considerada a 10.ª língua mais complicada do mundo**» e os ➔

**D**URANTE UM DOS SEUS pèriplos a Budapeste, o português Tito Olias foi surpreendido por algo familiar. Num azulejo da estação de metro Deák Tér conseguiu ver a assinatura de Fernando Pessoa no fim de um poema ali gravado. Não sabe se os versos de Pessoa em húngaro correspondiam aos iniciais do poema 'Viajar? Para viajar basta existir', mas a coincidência pode tê-lo ajudado a querer aprender a língua do país para onde tinha viajado. E existido.

## MUITOS DOS ALUNOS NAMORAM COM NATURAIS DOS PAÍSES CUJAS LÍNGUAS QUEREM APRENDER

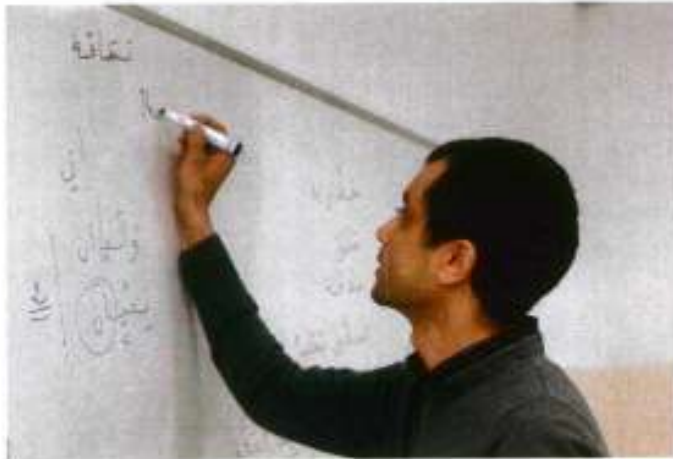


problemas vão, garante, da fonética aos sete casos de declinação que o aluno deve respeitar gramaticalmente.

Que dizer, então, do Russo? Somem-se as declinações a um alfabeto diferente, o cirílico, de 33 letras, e é fazer as contas. E, ao contrário do que se possa pensar, é uma língua internacional, falada por milhões de pessoas entre a Europa e a Ásia.

Mas a ninguém importa tamanho enredo: «Vivo cá há 11 anos e meio, primeiro no Porto e, desde 2007, em Lisboa, quando fui convidado pelo ILNOVA», recorda Oleg Chumakov, o professor: «Tenho seis reformados em algumas das minhas turmas,

**Abdeljelil Larbi**  
(Árabe), Piroska Felcai (Húngaro) e Zhang Shuang (Mandarim) são professores do ILNOVA



que me dizem que o russo é uma excelente ginástica mental, é algo que lhes serve para se manterem jovens». Nenhum deles está presente, mas as motivações que trazem os pupilos são, neste caso, as mais diversas. Desde as viagens que o cardiologista Carlos Cunha faz com regularidade à Rússia e ao bloco de Leste até à curiosidade linguística de João Pedro Aído, professor de Português e Francês no secundário, há um universo de interesses. Pelo meio, a revisora de texto Anabela Carvalho seguiu a atracção por Dostoiévski como mote. Mas o professor não gosta do clássico russo. «Na Rússia fui professor de literatura, mas não gosto dele. Dostoiévski é muito excepcional na literatura russa, é trágico, e os portugueses gostam disso».

### Caligrafia relaxante

Antes de se dedicar ao ensino, Chumakov teve várias «ocupações comuns» no Porto. Decidido a aprender o português, começou, no entanto, a ensinar a sua língua natal com material desenvolvido com o seu trabalho.

O apelo cultural também foi intenso no caso dos alunos de Árabe que rumam militantemente ao fim da tarde ao ILNOVA. Às vezes o pretexto é apenas estético: «A caligrafia relaxa», explica Helena Amaral, cujo sonho é trabalhar no Médio Oriente em hidrogeologia.

Ismael Santos, que começa por enfatizar, orgulhoso, que tem um «nome árabe» viaja



## PAÍS POLIGLOTA

É possível dar a volta ao mundo – linguisticamente falando, é claro – sem sair do país. Praticamente não há universidades públicas em Portugal sem um conjunto robusto de cursos livres de línguas que saem do quadrado tradicional formado pelo Inglês, Francês, Alemão e Espanhol. Lisboa e Porto lideram a oferta, como seria previsível: na Faculdade de Letras da capital, o Búlgaro, o Polaco ou o Checo são leccionados, tal como línguas tão distantes quanto o Bahasa indonésio, o Sânscrito ou o Coreano, entre outras (no curso de Estudos Asiáticos). No Porto, a Faculdade de Letras disponibiliza uma panóplia de cursos, com especial destaque, em matéria de exotismo (pela distância, não pelo número de falantes), para o Gujarati, o Hindi, ou, em latitudes mais próximas, o Sueco, o Neerlandês ou o Húngaro. O interesse pela Ásia emergente nota-se na procura do Mandarim, que já figura em quase todas as universidades, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra à Universidade de Aveiro (UA), passando pelo Babelium da Universidade do Minho (também com ampla oferta de outros idiomas) e pela Universidade de Trás-os-Montes, além das principais cidades. Note-se também o sinal dos tempos em Aveiro e na Covilhã: o Departamento de Línguas e Culturas da UA oferece um curso de Tétum, entre outras línguas 'exóticas', enquanto a Universidade da Beira Interior virou-se para as línguas africanas e para o Russo, além das tradicionais.



**Iwona Sadiłowska**  
dá aulas de Polaco,  
Simion Cristea  
de Romeno e Oleg  
Churnakov de Russo

fabeto árabe assustam, os caracteres chineses, é lugar-comum, podem demorar uma vida a aprender: Os alunos começam por aprender a versão 'romanizada' do alfabeto, o *Pinyin*, uma simplificação introduzida por Mao Tsé-Tung aquando da revolução chinesa. A base dos caracteres na versão original é de três mil e um chinês chega a aprender seis mil.

Esta complexidade não preocupa o único aluno de Romeno do professor Simion Cristea, que decidiu ficar radicado em Portugal depois de passagens pelos EUA, pelo Canadá ou por Espanha. Sendo a língua latina da Europa de Leste, a sua aprendizagem é mais simpática. Mas, ao fim de algum tempo de uma rica conversa, repleta da erudição deste professor que já escreveu sobre a obra de Mia Couto (com Maria João Coutinho), tudo parece simples com um remate: «Se queremos aprender uma língua, ela vem de dentro de nós. É uma vivência».

ricardo.nabais@sol.pt

## DIOGO FILIPE É ARQUITECTO, QUER IR PARA NOVA IORQUE, MAS ESTÁ A APRENDER MANDARIM, ESSENCIAL HOJE EM DIA NA SUA ÁREA

há 35 anos para Marrocos, Egipto e Turquia. Pretende entender-se melhor com os amigos que por lá deixou. Em Março, se a situação política no Egipto se acalmar, vai voltar ao Cairo para ouvir um concerto de Tamar Hosni, que conheceu pessoalmente em Luxor. Deste músico egípcio diz, irónico, o professor, o tunisino Abdeljelil Larbi, que é «um Tony Carreira». Alexandra, que trabalha na Antena 2, também convive há muito com pessoas dos países árabes, e quer, sobretudo, «entender-se com as mulheres, que não falam línguas estrangeiras». Os alunos prezam a abordagem cultural e muito apegada à realidade que recebem nas aulas deste professor que, frisa uma das alunas, «é laico». E lembram que a língua é falada em 22 países.

Com os olhos no futuro e de uma forma mais pragmática estão três dos alunos de Mandarim, a oitava língua de preferência dos estudantes do ILNOVA de acordo com

os dados mais actuais, de 2008/2009. Hoje terá subido um pouco mais no *ranking*, desde que o rótulo 'emergente' se após à palavra 'China'. Basta ouvir o arquitecto Nuno Pereira, que trabalhou em Macau entre 2006 e 2009. É importante, quer volte ou não para aquelas paragens, que saiba «receber técnicos chineses para as obras públicas, que vão competir de igual para igual com o resto do mundo».

Por coincidência, o colega do lado é também arquitecto. Diogo Filipe está a entrar no mercado de trabalho e ainda à espera da inclusão na Ordem dos Arquitectos. Esteve três meses em Nova Iorque e, apesar de querer regressar à Grande Maçã, inscreveu-se em Mandarim pela procura de empregadores americanos por quem saiba esta língua. Tatiana Dias está num mestrado em Gestão na Nova e tem em vista a oportunidade profissional de um estágio na China.

A aprendizagem neste caso é ainda mais complexa. Se é verdade que o cirílico ou o al-

ALBERTO RUGGERI/GETTY IMAGES

HELENA GARCIA



04-02-2011 | Tabu

Tiragem: 61234

País: Portugal

Period.: Semanal

Âmbito: Informação Geral

Pág: 1

Cores: Cor

Área: 4,34 x 3,40 cm<sup>2</sup>

Corte:



**LÍNGUAS  
ESTRANHAS**  
Aprender a falar  
mandarim em Lisboa  
pág. 50